

A HISTÓRIA DA CIDADE ATRAVÉS DA PAISAGEM DA PRAÇA

SÃO JANUÁRIO EM UBÁ (MG)

Autor (01): Ítala Luzia de Andrade

Filiação institucional: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: italalandrade@gmail.com

Autor (02): Flora Antonia Soares Ribeiro

Filiação institucional: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: flora.asribeiro@gmail.com

RESUMO:

No passado a paisagem foi concebida enquanto descrição da observação exaustiva de ambientes, porém, hoje abarca estudos pautados em problematizações acerca das relações sociais que a edificam e a transformam. Neste trabalho, considerou-se a paisagem enquanto categoria de análise do espaço geográfico para compreensão da história da cidade. A área estudada se trata da Praça São Januário e seu entorno imediato, localizada no município de Ubá, Minas Gerais. Foram utilizadas fotografias do Arquivo Histórico da Cidade e do trabalho de campo, realizado para investigação da dinâmica atual e registro da paisagem. Concluiu-se através da análise comparativa das fotografias que apesar de algumas alterações físicas e sobretudo de uso, a praça materializa elementos que tornam possível o estudo da história da cidade através da paisagem.

Palavras-chave: paisagem, praça, transformações, história.

GT – “07”: “Geografia histórica urbana”.

INTRODUÇÃO

A paisagem é uma categoria de análise que constitui o arcabouço da ciência geográfica já em seus primórdios, como consequência, muitas pesquisas e debates visaram a sua definição. Na década de 80 era interpretada por geógrafos físicos como o próprio espaço geográfico (SOUZA, 2013, p. 43). Contudo, a concepção da paisagem segundo o que é visto e/ou observado pelo sujeito ganhou robustez na Geografia e tornou-se parte das categorias de análise dessa ciência de maneira mais ampla.

As formas de se estudar a paisagem no decorrer do tempo evoluíram das descrições exaustivas à compreensão de tal enquanto a produção cultural das relações humanas e

construída a partir dessas (SOUZA, 2013, p. 44). Assim, entender a paisagem para além do campo do visível e do material tornou-se essencial e trouxe à tona a importância de atentar para elementos invisíveis e/ou invisibilizados que constituem a paisagem. Santos (1988, p. 21) considerou que a paisagem “Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. Em sentido similar Souza (2013, p. 46) sugere que a paisagem de cada “momento histórico, em cada contexto geográfico e nos marcos de cada imaginário específico” é representada e constitui os elementos e formas de um lugar. Entende-se que o conteúdo por trás da paisagem pode estar em consonância ou em contradição com essa forma e com o que ela representa.

Com isso, entende-se que a paisagem é um caminho a ser considerado para compreensão da história de uma cidade. Essa, pode ser retratada e observada sob diferentes vieses. Existem formas concretas e registros evidentes, como também, formas e processos invisíveis. A paisagem urbana, tão alterada e distante do meio natural Santos (2008), representa o passado e o presente da dinâmica social, expressa e ao mesmo tempo esconde a história da cidade. Assim, a cidade de hoje representa um aglomerado de tempos e elementos (SPOSITO, 1997).

Alicerçando-se nesses pressupostos a presente pesquisa visou a observação e análise da paisagem da Praça São Januário, situada no município de Ubá, Minas Gerais como elemento constituinte da representação da história da cidade. Priorizou-se esse recorte, pois o marco inicial para fundação do município se trata da Paróquia de São Januário, localizada na referida praça. Para isso, foram utilizadas fotografias de diferentes momentos, bem como trabalho de campo para comparação e observação dos elementos constituintes dessa paisagem e os seus diferentes usos no decorrer da história dessa cidade. Além disso, buscou-se caracterizar historicamente a cidade de estudo e sua relação com o local de estudo.

Destarte, coloca-se que a presente pesquisa constituiu parte das discussões oriundas do mestrado da primeira autora que objetivava a caracterização da área central de Ubá. A pesquisa realizada foi de caráter exploratório e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

1. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram pautados nas orientações contidas no livro “Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula” organizado por Venturi (2011). Assim sendo, a pesquisa foi organizada em três momentos diferentes: gabinete, trabalho de campo e laboratório.

A análise bibliográfica da categoria paisagem e uma exploração remota da área de estudo com o intuito de compreender previamente os processos ocorridos desde a implantação do município constituíram a primeira etapa da pesquisa realizada em gabinete. Para isso, buscou-se informações em trabalhos acadêmicos, sites oficiais (IBGE e Prefeitura Municipal de Ubá), relatos de moradores contidos em blogs pessoais, imagens do *Google Earth* e *Street View*.

Nas fontes consultadas foi observado que o marco inicial para fundação do município foi a Paróquia de São Januário, localizada na Praça São Januário. Com isso, dada a sua importância histórica na fundação da cidade, bem como por se tratar da área considerada como centro da cidade, elegeu-se a Praça São Januário e seu entorno como área de observação e análise.

A delimitação da área de estudo orientou o trabalho de campo na segunda etapa da pesquisa, onde procurou-se observar e registrar características como; dimensão, verticalização, arborização, movimento das pessoas e veículos, função (industrial, comercial etc.). As fotografias foram uma fonte primordial para análise da paisagem. Considerou-se que,

“à utilização da imagem fotográfica em pesquisas científicas e trabalhos técnicos não se detém a compor trabalhos como ilustração de ideias. Em muitos casos, a fotografia faz parte do método de apreensão de determinado assunto e demonstração propositiva do mesmo. Tal é o caso de estudos relacionados à paisagem. Pode-se dizer, em termos gerais, que a paisagem é a imagem resultante da síntese dos elementos presentes em um espaço territorial abrangido pelo olhar e que a câmera fotográfica, em seu registro, emula o olhar.” (GOLTARA E MENDONÇA, 2005, p. 123)

Ainda durante o trabalho de campo foi feita uma visita ao Arquivo Histórico da Cidade de Ubá. Do acervo fotográfico foram selecionadas 10 imagens referentes a Praça São Januário¹. Faz-se necessário ressaltar que o acesso a essas fotografias constituiu parte significativa do trabalho, sem elas não seria possível realizar a análise histórica da paisagem da Praça São Januário.

¹ O acervo fotográfico digital da cidade possui uma excelente organização. O acesso é guiado pela supervisora do acervo, e o número de fotografias cedido é determinado pela coordenação do arquivo.

Por conseguinte, em laboratório foram feitas análises e comparações entre as imagens no intuito de observar as transformações no decorrer do tempo. Em um primeiro momento, utilizou-se uma imagem aérea do ano de 1957 e uma imagem aérea no aplicativo Google Earth. Em seguida, os registros fotográficos obtidos em campo, bem como as fotografias cedidas pelo arquivo. Todo processo foi orientado para o entendimento da historicidade e importância que a Praça São Januário e as edificações do seu entorno constituem no processo de formação da cidade de Ubá. É importante ressaltar que algumas fotografias não se encontram datadas, logo foi necessário fazer uma reconstituição cronológica com base nas fotografias datadas e nos elementos da paisagem.

2. A história da cidade por meio da paisagem

A história de uma cidade pode ser encontrada em diversos tipos de registros. Há singularidades trazidas à tona constantemente e revividas através dos anos, como existem coletividades esquecidas, se quer registradas. Para Abreu (1998, p. 86) “Nem Todas as memórias coletivas urbanas conseguiram ser registradas. Muitas perderam-se no tempo, o que faz com que os vestígios do passado que subsistiram na paisagem ou nas instituições de memória sejam apenas fragmentos das memórias coletivas que a cidade produziu.”. Para o autor, a iniciativa moderna de manutenção de elementos históricos está relacionada também com uma busca de identidade. Nesse sentido, ao se analisar a paisagem presente como forma de problematização da história da cidade é importante que não se negligencie a intencionalidade escondida entre as paredes preservadas. Sposito observa que

"[...] o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através de tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações." (SPOSITO, 1997, p.11)

Entende-se que a paisagem da cidade é um mosaico capaz de expressar as transformações pelas quais atravessou o espaço e a sociedade ao mesmo tempo que representa "palcos de lutas em jogos incessantes de variados interesses" (OLIVEIRA, p. 1, 2001). Por isso, ao se considerar as cidades enquanto espaços de organização social é necessário também observar como as formas concretas que permanecem na paisagem da cidade retratam a sua história.

A maneira de se “ler” a paisagem, como concebemos atualmente, enquanto espaço físico e de relações sociais é proveniente do início dos anos 1970, segundo Claval (2004).

Perspectiva conivente com a emergência do mundo globalizado e a fluidez com que se dão os processos espaciais, onde as relações sociais se tornaram mais complexas e conseqüentemente modificam-se os significados adquiridos pelas paisagens.

Segundo Santos (1988, 2004, 2007 e 2008) a relação entre a paisagem e os instrumentos de trabalho é evidente. Para ele, o processo de construção da paisagem se expressa de acordo com a evolução dos instrumentos de trabalho. No meio natural, as modificações na natureza ocorreram de forma lenta, havia predominância dos ambientes inalterados pela ação humana. Entretanto, o período considerado como meio técnico marca a inserção de ferramentas de trabalho que proporcionaram modificações cada vez mais aceleradas e a construção de paisagens cada vez mais artificiais. O autor aponta que “Estradas, edifícios, pontes, portos, depósitos etc. são acréscimos à natureza sem os quais a produção é impossível. A cidade é o melhor exemplo dessas adições ao natural” (SANTOS, 1988, p. 23).

A paisagem, nessa perspectiva, apresenta-se heterogênea e representa diferentes formas de construção do espaço, onde coexistem elementos de tempos passados que assumem conteúdos atuais, como também, novos que substituem os antigos, e ainda, existem os elementos naturais. Dessa forma, concorda-se com Santos (1988, p. 63), para o autor “A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas.”.

Nesse sentido, compreende-se a importância que Claval (2004) coloca ao discutir “olhar múltiplo do geógrafo”, para o autor esse olhar se expressa por meio da utilização em conjunto das análises verticais e horizontais. Em outras palavras, seria entender a paisagem por meio da cartografia com a consciência de que a análise através da observação de campo, não devem ser deixadas à parte. Por conseguinte, se faz necessário utilizar os instrumentos de observação da paisagem e da cidade com o intuito de permitir análises mais abrangentes na tentativa de “ler” na paisagem urbana atual os significados e as subjetividades que não são passíveis aos olhos.

3. Do café ao polo moveleiro

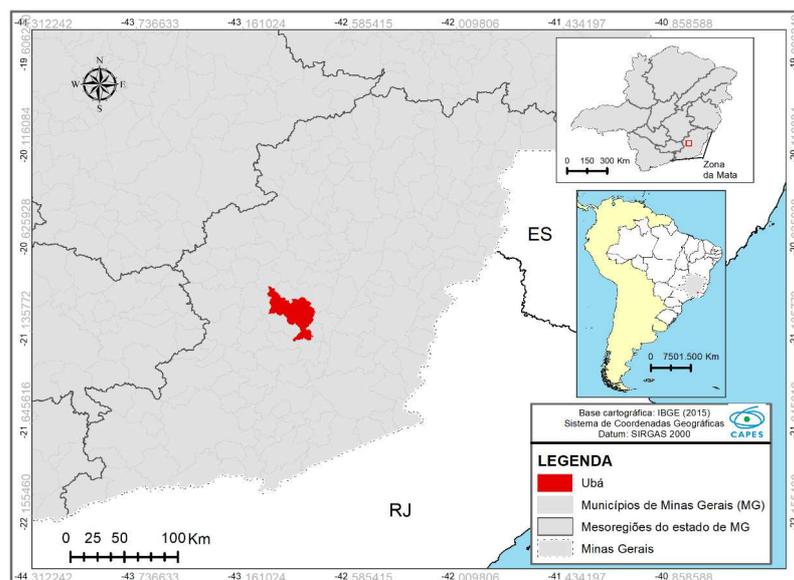
O município de Ubá encontra-se localizado aproximadamente no centro da mesorregião Zona da Mata de Minas gerais, como representado na Figura 1. Além disso, se trata da cidade sede da microrregião a qual faz parte, composta por 17 municípios que juntos totalizavam aproximadamente 282.000 habitantes, sendo 101.519 habitantes contabilizados no município

em questão (IBGE, 2010). A cidade de Ubá atualmente detém o título de “polo moveleiro” por possuir cerca de 300 fábricas do ramo, algumas de destaque nacional, fator que contribui para o incremento de suas funções urbanas. Além disso, há variados estabelecimentos comerciais de grande, médio e pequeno porte que atraem a população das cidades em seu entorno. Exercendo, assim um importante papel de intermediação em seu entorno imediato.

A configuração atual dos municípios do estado de Minas Gerais é repercussão do histórico caminho influenciado por interesses políticos e econômicos. Fatores como o relevo, a vegetação e a descoberta do ouro foram condicionantes durante a ocupação colonial nesse estado, a aparição dos municípios ocorreu de forma centrífuga, ou seja, do centro do território para as bordas. Sabe-se que os maciços da Serra do Mar, Mantiqueira e a densa vegetação foram barreiras naturais para as primeiras bandeiras de Minas Gerais e Borda do Campo.

O chamado “Caminho Velho” transpôs a Serra da Mantiqueira pela Garganta do Embaú e se tornou a primeira rota de ligação do interior do estado ao litoral do país, ligando Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ). Este caminho foi a principal via de escoação da mineração até a construção do “Caminho Novo” entre 1608 e 1707 que minimizou em cerca de 1/3 o tempo de transporte. Por essa rota era possível levar o ouro diretamente a cidade do Rio de Janeiro, passando por Juiz de Fora (MG) e Petrópolis (RJ). Nas bordas desses caminhos foram surgindo aglomerados

Figura 1: Localização do município de Ubá (MG)



Fonte: IBGE (2015), elaboração própria.

populacionais, estes “Estendiam-se pelos vastos sertões, não indicando, contudo, que todas as regiões mineras se encontrassem integradas” (IBGE, 1958, pg.13).

A ocupação da região da Zona da Mata em relação a região aurífera de Minas Gérias foi tardia. Apenas após a decadência da mineração, principalmente em Ouro Preto e Mariana, que a região da “Mata” passou a ter interesse de exploração. Tal fato pode ser observado em Vasconcellos (1974), Carneiro e Matos (2010), Stephan, Soares e Ribeiro (2012), bem como em Pinto (2002, pg. 2) o qual expõe que “À medida que se viam frustradas as descobertas de metais raros, a riqueza seria a própria terra que, removidos os obstáculos, se manifestaria fértil e seria, em meados do século XIX, área de expansão da nova riqueza: o café.”.

Em 1813, Guido Tomaz Marliére, Diretor de Índios da Freguesia de São Manuel do Pomba e São João Batista do Presídio, aconselhou o então governador a instituir o povoamento do território que viria a ser o município de Ubá. Então, o governador autorizou a construção de uma capela de São Januário no ano de 1815 e encarregou o Capitão-mor de Mariana, Antônio Januário Carneiro, com essa tarefa. “Antônio Carneiro adquiriu quatro sesmarias. Dessas, o Capitão-mor doou uma gleba, do Morro da Caixa D’água ao Morro das Três Porteiras, seguindo até a estação para que fosse construído o arraial. É o que se pode chamar, hoje, o centro da cidade.” (GONÇALVES, 2002, pg. 330).

A capela de São Januário foi terminada em apenas em 1841, e segundo Gonçalves (2002) as famílias trazidas de Piranga para construir a capela receberam como doação do Capitão-mor pequenas glebas onde hoje se localiza a Rua Santa Cruz, ou “rua de trás”, em função de sua localização exatamente atrás da paróquia. Em 1857 a Vila de São Januário de Ubá recebeu o foro de cidade desvinculando-se da dependência de São João Batista do Presídio

Figura 2: Formação administrativa do município de Ubá (MG)



Fonte: IBGE (2015), elaboração própria.

(atual Visconde do Rio Branco). Na Figura 2 pode-se observar a formação administrativa da cidade de forma resumida.

Entretanto, até a metade do século XX as atividades relativas ao café e posteriormente ao fumo, a partir de 1930, centralizaram a ocupação na zona rural do município. Segundo o censo demográfico de 1950 nesse ano as atividades voltadas para agricultura, pecuária e silvicultura ocupavam 30,95% da população e mesmo a limitada indústria de transformação dedicava-se aos produtos agrícolas. Nesse período o fumo constituía 42% do total produzido nas terras. A distribuição demográfica da população acompanhava também a ocupacional, sendo cerca de 60% da população residente na área considerada rural e 35% na sede do município. A população absoluta era constituída por 40.516 habitantes nesse período (IBGE, 1958).

Em um livro histórico produzido no ano de 1980 pela Prefeitura Municipal é exposto esse fato em capítulo nomeado “A economia de Ubá”, na página 27. Os autores colocam que os fazendeiros possuíam casas na cidade, mas só habitavam durante festividades religiosas. No entanto, o período cafeeiro deixou como herança a Estrada de Ferro Leopoldina que fora inaugurada em 1880², a qual serviu de transporte até os primórdios das fábricas de móveis na cidade. E, não menos importante, a riqueza proveniente da produção de fumo foi a base para o início do desenvolvimento da indústria.

4. História da cidade através da análise da paisagem da Praça São Januário

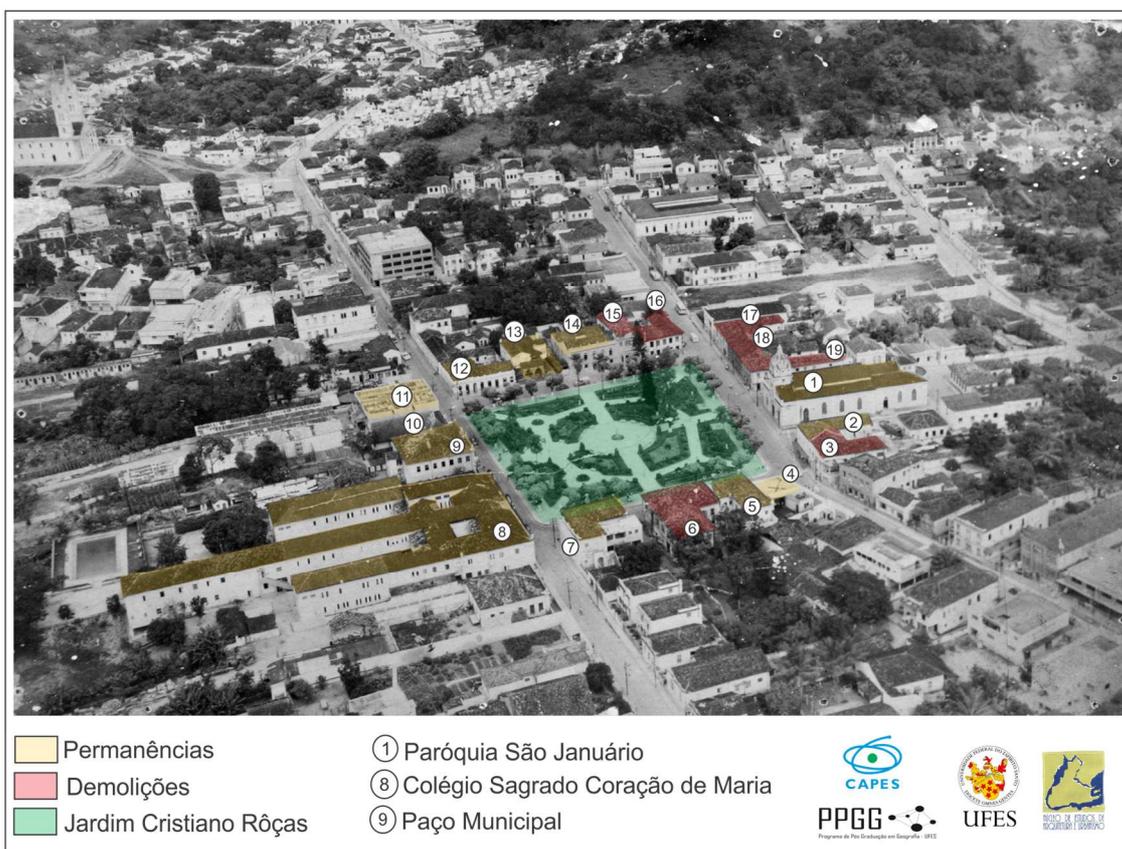
A Praça São Januário é considerada o principal elemento fundador da cidade devido a presença da Igreja São Januário que marca o início da história da cidade de Ubá pelo Capitão Mor Antônio Januário Carneiro. No decorrer da história ocorreram diversas modificações na paisagem da praça, permanências e adições de elementos, sendo que “cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistente” (SANTOS, 1996, p. 59). Diante disso, a análise do processo de evolução da paisagem da Praça São Januário foi feita a partir de uma reconstituição cronológica das imagens cedidas pelo arquivo histórico da cidade, bem como sob pesquisa bibliográfica. Partiu-se das fotos datadas como base para o

² 1958 - “o território municipal é cortado por 44 quilômetros de estradas de rodagem, que se acham sob a administração estadual e 87, sob a municipal. É servido pela Estrada de Ferro Leopoldina.” P.392

entendimento dos elementos de permanência e mudança da paisagem a partir das suas representações e suas seletividades.

Cientes de que a Praça São Januário passou por uma reforma no ano de 1939, no início do mandato do Prefeito Ozanam Coelho, utilizou-se esse fato como parâmetro das análises. Assim sendo, observou-se que o traçado do Jardim Cristiano Roças apresentava semelhanças com a Figura 3 da década de 1960, bem como com os dias atuais. Logo, considerou-se este pressuposto para o julgamento de que as fotos nas quais o jardim apresenta aspecto diferenciado deste presente na Figura 3 são registros anteriores ao ano de 1939.

Figura 3: Vista aérea da Praça São Januário e seu entorno



Fonte: Prefeitura Municipal de Ubá, 1960. Elaboração própria.

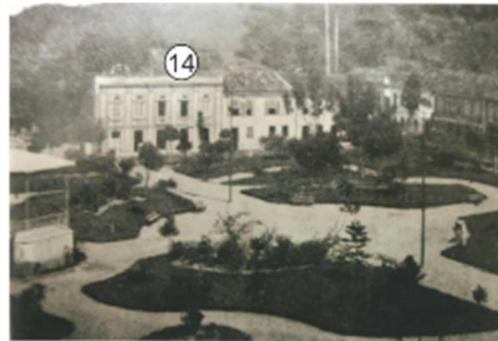
Na Figura 5, por sua vez, é notável a ausência do jardim no local onde atualmente se localiza. Nessa fotografia a paisagem apresenta o solo coberto por gramíneas com a presença de caminhos de areia. Há ainda a presença do casarão número 14, o qual era uma permanência da paisagem até o período da pesquisa, entretanto com significado diferenciado do período em que foi construído. Ainda sobre essa paisagem destacam-se os casarões numerados 15 e 16 no

centro da figura 2 e os casarões 17 e 18 no canto, os quais foram demolidos e substituídos por construções modernas.

Figura 4: Praça São Januário
(início do séc. XX)



Figura 5: Praça São Januário (1925)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Devido ao ângulo utilizado na fotografia também é possível observar a presença de um coreto no lado esquerdo da Figura 5, são elementos recorrentes nas paisagens das praças de Minas Gerais, geralmente situados na praça da igreja matriz. No cartão postal datado com o ano de 1925 (Figura 6) a paisagem representada já se tratava do Jardim Cristiano Rôças. Entretanto, a paisagem era composta por árvores de diferentes espécies, com canteiros de grama baixa, ao fundo pode-se observar a Igreja São Januário com uma alta cruz a sua frente. Há duas pessoas sentadas em um banco da praça, uma mulher passando pela praça e algumas pessoas circulando em frente à igreja. Na paisagem da Figura 7, pode-se observar algumas semelhanças em relação ao cartão postal devido as características do jardim o que nos levar a concluir que está paisagem pode ser remetida a um período semelhante à do referido cartão postal. Ocorreu uma

Figura 6: Cartão postal, Praça São Januário (1925)

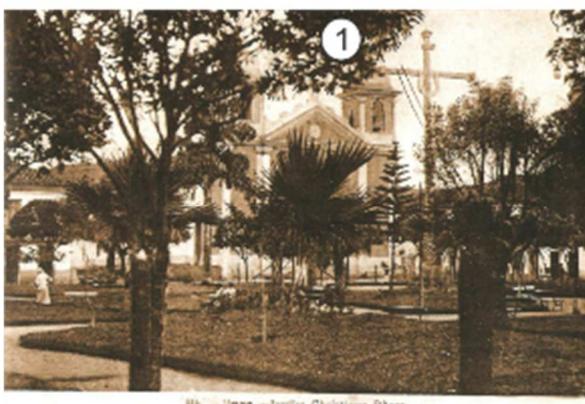


Figura 7: praça São Januário



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 8: Praça São Januário (2017)



Figura 9: Praça São Januário (2017)



Fonte: Arquivo pessoal.

mudança no jardim no ano de 1939 como pode-se observar na Figura 6 os arbustos encontram-se podados em forma de animais e formas geométricas. O coreto já não mais aparece e agora o traçado privilegia os canteiros em formatos geométricos. Atualmente o jardim da Praça São Januário ainda privilegia o traçado geométrico com algumas alterações em relação a Figura 3. Na paisagem atual da praça encontra-se um ambiente público bem arborizado, como foi notado nas imagens de satélite e visita de campo é caracterizada como o principal espaço público arborizado do município, sendo utilizada enquanto cartão postal da cidade. Em observações realizadas nas avaliações de sites turísticos tal questão é recorrente.

No passado essa ambiência da praça era palco de encontros, passeios e namoros. Também foi utilizada como ambiente para fotografias, eventos da igreja entre outros. Atualmente algumas dinâmicas permanecem com outros conteúdos. As figuras 8 e 9 ilustram a Praça São Januário atualmente. Nos dias úteis, a presença de adolescentes provenientes das escolas das proximidades anima a praça. Nos finais de semana são instalados brinquedos infláveis na praça, com uso comercial, além da comercialização de balões infláveis e carrinhos de pipoca. O fluxo de veículos é mais intenso na Rua Padre Gailhac em direção à rua Peixoto Filho, fluxo que se acentua principalmente aos finais de semana, quando a população das cidades vizinhas vai a Ubá para usufruir do comércio local.

Acerca das edificações presentes no entorno da praça destacam-se três principais, a Igreja São Januário, o Prefeitura Municipal e o Colégio Sagrado Coração de Maria por se tratar de antigas instituições presentes no ambiente. A Igreja São Januário, já mencionada na caracterização da área de estudo, marcou a fundação da cidade. Pois, naquele período “A capela tornou-se um elemento fundamental de fixação humana” (STEPHAN, SOARES e RIBEIRO, 2012, p. 59). O início de sua construção ocorreu em 1815 com as famílias trazidas por Antônio

Januário Carneiro, entretanto, a mão de obra e os recursos estenderam sua construção até 1841. Sendo a obra concluída pelo filho de Antônio Carneiro 13 anos após a morte do pai. Na descrição sobre o acervo fotográfico da Paróquia, Oliveira (2013) coloca que a igreja passou por 6 obras em toda a sua existência.

A partir das análises das fotografias cedidas abstraiu-se que a principal mudança fisionômica externa na edificação se trata da torre. Na Figura 6 (Cartão Postal de 1925) nota-se que a edificação possui duas torres enquanto na Figura 11 do ano de 1937 a igreja encontra-se no formato que permanece até os dias de hoje, com uma torre apenas, Figura 10. Nos materiais consultados na presente pesquisa não foram encontradas evidências das motivações que levaram a tal mudança. Uma possível hipótese poderia ser com relação a reforma da Praça São Januário no ano de 1939.

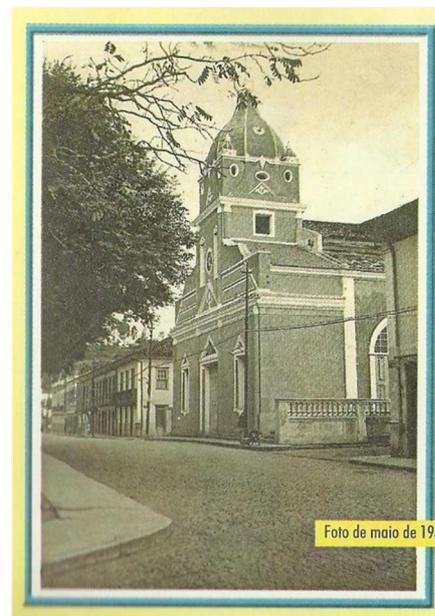
De toda maneira, a permanência da igreja que representa o marco de fundação da cidade demonstra a imponência da instituição religiosa para fixação de pessoas, como citado, e a importância da domesticação dos índios e escravos no passado. Dessa forma, vamos de encontro com a análise de Pinto (2002, p. 8) ao colocar que “Coube aos aldeamentos capitaneados por uma autoridade religiosa (padres seculares ou regulares) e outra civil (o diretor dos índios) domesticar e tornar dóceis os antes “brabos gentios”.

Figura 10: Igreja São Januário (2017)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11: Igreja São Januário (1937)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

O Paço Municipal localizado exatamente na lateral da praça oposta à Igreja São Januário se trata de uma edificação adquirida “no dia 13 de dezembro de 1898 pelo então agente do executivo, Major Augusto César dos Santos, presidente em exercício da Câmara Municipal de Ubá” como afirma Moreira (2017, p. 50). O mesmo autor relata que no período não foi divulgada a intencionalidade da compra. Entretanto, no ano de 1900 foi inaugurado o Paço Municipal para o funcionamento dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário). Tais funções de poder e a localização na qual se deu o Paço Municipal podem demonstrar a intencionalidade de colocar em lugares centrais e paralelos um ao outro a imponência de duas instituições na paisagem central da cidade que emergia.

Figura 12: Paço Municipal (2017) Figura 13: Fórum Cultural (2017) Figura 14: Sagrado Coração de Maria (2017)



Fonte: Arquivo pessoal.

Dessa forma, tem-se a igreja de um lado como centro do poder religioso e o Paço Municipal com instituição dos três poderes. Até 1976 a vigência dos três poderes se dava no local, quando então houve a inauguração do Fórum Desembargador Câncio Prazeres e a mudança do judiciário para edificação construída para tal finalidade. O fórum passou a localizar-se na rua lateral na Praça São Januário, coincidentemente no centro desse eixo. A edificação de número 6 (Figura 3) foi demolida e deu lugar ao fórum até o ano de 2015, quando a instituição ganhou outra sede em área distante do centro. Atualmente a edificação abriga o Fórum Cultural de Ubá, com biblioteca pública municipal, auditório onde ocorrem eventos culturais e palestras, bem como o arquivo histórico do município.

O colégio Sagrado Coração de Maria que ocupa grande área ao lado do Paço Municipal teve sua origem no ano de 1911. Segundo informação presente no site da instituição o “Sacré-Coeur de Marie” de Ubá foi o primeiro a se instalar no Brasil “pelas mãos de um grupo de

religiosas do Sagrado Coração de Maria, vindas de Portugal, lideradas por Irmã Maria de Aquino, Irmã Santa Fé e Irmã Maria de Assis.”³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações feitas pode-se inferir que apesar de ter ocorrido a demolição de sete edificações no entorno da Praça São Januário as permanências da paisagem são mais evidentes. A manutenção dessa paisagem evidencia a manutenção da história do município em formas físicas, mesmo que essas tenham mudado de conteúdo com o passar dos anos.

As edificações preservadas e a própria praça conservam elementos considerados importantes para a história e a identidade da cidade. Porém, não se pode deixar de notar que todas as edificações e elementos que permanecem na paisagem da Praça São Januário estão relacionados a estruturas e assimetrias de poder. A Igreja, o nome da praça, o paço municipal.

A permanência dessas formas na paisagem da Praça São Januário também se relaciona ao processo de urbanização do município, que se intensificou principalmente a partir da década de 1950 com a mudança dos modos de produção agrícola, com o café e depois fumo, para indústria. Logo, a intensificação da área construída no município ocorreu nos últimos 70 anos, com a verticalização de áreas adjacentes à praça São Januário. Com poucos espaços públicos arborizados, a paisagem da Praça São Januário destoa de seu entorno mais próximo. Dessa forma, diante das observações, pode-se afirmar que a preservação da praça também esteja ligada ao processo de urbanização recente do município que não atingiu essa área como ponto de exploração imobiliária.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa, incentivo fundamental para realização da pesquisa apresentada neste trabalho e do mestrado como um todo. Ao Arquivo Histórico da Cidade de Ubá pelas imagens disponibilizadas, como também, pela atenção e gentileza dos funcionários durante a visita.

³ Disponível em: <http://www.redesagradoeba.com.br/institucional/o-cscm-uba/> Acesso em novembro de 2017>

REFERÊNCIAS

- BACELLAR, Nely Robles R.; MAIA, Patrícia A. Técnicas de Pesquisa Histórica. In: VENTURI, Luis Antônio B. (Orgs). **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Editoria Sarandi, 2011. Cap. 13, p. 310-320.
- BEZZI, M. L.; CAETANO, J. N. . Reflexões na Geografia Cultural: A materialidade e imaterialidade da cultura. **Sociedade & Natureza** (UFU. Impresso), v. 23, p. 453-466, 2011.
- BLASENHEIM, Peter. A Zona da Mata em Minas Gerais. 1888-1904: As Dimensões Políticas. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, v.36, n.01, p. 121-161, 2013.
- CARNEIRO, Patrício A S ; MATOS, Ralfo. . Geografia Histórica da Ocupação da Zona da Mata Mineira: Acerca do Mito das Áreas Proibidas?. In: **X Seminário sobre Economia Mineira, 2010**, Diamantina. Espaço, região e poder, 2010.
- FILHO, U.M.P. **Lembranças de Ubá**. Artigos. Salvador. Julho, 2013. Disponível em < <http://www.ubaldomarquessportofilho.com.br/paginas.aspx?id=227&tipo=2>>. Acesso em: 28 out. 2017.
- GOLTARA, Giovani B.; MENDONÇA, ENEIDA M. S.. O emprego da fotografia como método de análise da transformação da paisagem - o caso de Anchieta. **Paisagem e Ambiente**, v. 01, p. 119, 2015.
- GONÇALVEZ, Ari. Cesário Alvim: A saga de jovem advogado do interior que se tornaria figura destacada do império e prócer da república. **Revista da Faculdade de Direito** da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, N.41, p.329-340, 2002.
- OLIVEIRA, Isabel Cristina Eiras de. **Estatuto da cidade**; para compreender. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001. 64p
- PAULA, Adílson Vieira de (Ed.). **Edição Histórica: Ubá - Minas Gerais - Brasil**. Ubá: [s.n.], 1980. 134p.
- PINTO, Francisco Eduardo. Avanço da agricultura sobre as terras indígenas da capitania de Minas: distribuição de sesmarias nos sertões dos rios Pomba e Peixe (1750-1822). In: **XIV Seminário sobre a Economia Mineira, 2010**, Diamantina. XIV Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: UFMG/FACE/Cedeplar, 2010.
- ROCHA, Carla de Souza; FIALHO, E. S. . Paisagem e Memória: Reconstruindo a geohistória do município de Teixeira - Minas Gerais.. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre. **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. 2010. p. 1-10.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.1.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**; fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. Hucitec. São Paulo, 1988.

SERPA, A. S. P.. Milton Santos e a Paisagem: Parâmetros para a Construção de uma Crítica da Paisagem Contemporânea. **Paisagem e Ambiente**, p. 131-138, 2010.

STEPHAN, Ítalo I. C.; FERREIRA, J. S. ; RIBEIRO, I. M. F. . Guido Thomaz Marlière, o semeador de cidades na Zona da Mata Mineira. **Risco** (São Carlos), v. 16, p. 35-60, 2013.

SOUZA, Marcelos Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

VENTURI, Luis Antônio B. A técnica e a observação na pesquisa. In: VENTURI, Luis Antônio B. (Orgs). **Geografia**: práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Editoria Sarandi, 2011. Cap. 1, p. 11-28.

VENTURI, Maria A. A redação do trabalho de campo. In: VENTURI, Luis Antônio B. (Orgs). **Geografia**: práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Editoria Sarandi, 2011. Cap. 23, p. 484-494.

VIEIRA, Anderson Moreira. **Políticas públicas e patrimônio cultural em Ubá**, Minas Gerais: usos de memória e processos de patrimonialização. Viçosa, MG, 2017. 244p.